

# ALFONSO X E O LIBRO DE LAS CRUZES

Carlinda Maria Fischer Mattos\*

**SÍNTESE** – Este estudo é uma investigação histórica dos pressupostos culturais e científicos do período de Alfonso X, o Sábio, Rei de Leão e Castela. Alfonso X dá forte impulso à ciência e à cultura, principalmente por meio do apoio às escolas, traduções e pesquisas. O artigo enfoca a “resolução” dos conteúdos do assim chamado “*Libro de las cruces*”, um tratado sobre astrologia que mostra a tradição teórica árabe do séc. XI e traça a relação entre questões culturais e interesses científicos da época.

**PALAVRAS-CHAVE** – Alfonso X, o Sábio. *Libro de las cruces*. Ciência e cultura na Espanha dos sécs. XI e XIII. Tradições culturais grega e árabe na Idade Média.

**ABSTRACT** – This study is a piece of historical investigation of the cultural and scientific backgrounds of the time of Alfonso X, the Wise, King of Leon and Castella. Alfonso X gives strong impulse to science and culture, mainly through support for schools, translations and researches. The article focuses on the “resolution” of the contents of the so called “*Libro de las cruces*”, a treatise on astrology which shows the Arabic theoretical tradition of the XIth century and traces the relation of cultural issues and scientific interests of the time.

**KEY WORDS** – Alfonso X, the Wise. *Libro de las cruces*. Science and culture in XIth and XIIIth centuries in Spain. Greek and Arabic cultural traditions in the Middle Ages.

Alfonso X, o Sábio, filho de Fernando III e Beatriz da Suábia, foi rei de Leão e Castela, durante o período de 1252 e 1284.

Sua alcunha lhe foi merecida não somente pela abrangência de seus conhecimentos, mas, sobretudo, por sua intensa atividade em reunir obras e sábios de todas as áreas de conhecimento em sua corte, promover traduções e elaborações de textos de história, legislação, poesia, astronomia, astrologia, fundar centros de estudo, revitalizar universidades – as de Salamanca, Valladolid e Sevilha.

No entanto, Alfonso X insere-se numa trajetória e num contexto intelectual, que é o da Reconquista, e de todo o universo mental que com ela se abre aos cristãos ocidentais. Lembramos que a tomada de Toledo em 1085 por Alfonso VI de Castela foi um marco no confronto com a diferença cultural<sup>1</sup>. A partir daí, os

\* Mestre pelo PPG História da UFRGS.

<sup>1</sup> CARDAILLAC, Louis. Um minarete em vez de campanário. In: CARDAILLAC, Louis (org.). *Toledo, séculos XII-XII. Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 11-14; DEDIEU, Jean-Pierre. O refluxo do Islã espanhol. In: CARDAILLAC, Louis (org.). *Toledo, séculos XII-XII. Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992. p. 33-45.

VERITAS	Porto Alegre	v. 48	n. 3	Setembro 2003	p. 417-426
---------	--------------	-------	------	---------------	------------

cristãos, que até então conheciam apenas uma parcela muito restrita das obras dos antigos, viram-se diante das obras de Aristóteles em sua quase totalidade, as de Ptolomeu, Hipócrates, Arquimedes, Galeno, Dioscórides, Euclides e tantas outras traduzidas do grego pelos árabes, comentadas por eles e acrescidas por suas contribuições – como foi o caso de al-Kindi, Ibn-Qurra, al-Farabi, Ibn Sina (Avicena), Ibn Ruschd (Averróes), Azarquiel, por exemplo<sup>2</sup>.

A esse esforço de tradução, costuma-se atribuir o nome de Escola dos Tradutores de Toledo. As traduções reuniram, em diversos momentos, sábios de toda a Europa, do porte de Juan de Sevilha; Hernan, o Dálmata; Roberto de Chester; Gerardo de Cremona; Adelardo de Bath; Miguel Escoto, entre tantos outros<sup>3</sup>.

Ascendendo ao trono em 1252, Alfonso X dá novo impulso aos trabalhos de tradução e de elaboração de novos textos, reunindo sábios de várias áreas do saber em sua corte. A atividade é intensa. As obras que manda compor são as seguintes: *Setenário*, *Espéculo*, *Fuero Real*, *Siete Partidas*, *Estória de España*, *História General*, *Cantigas de Santa Maria*, *Tábuas Alfonsinas*. Entre as traduções, podemos citar: *Libro del Saber de Astronomia*, *Libro de los Canones de Albatani*, *Libro de las Formas y de las Ymágenes*, *Libro Conplido de los Judizios de las Estrellas*, *Liber Quadripartitum*, *Lapidario*, *Picatrix*, *Liber Razielis*, *Libro de Astromagia*, *Tratado de las Armiellas*, *Libro de la Ochava Esfera*, *Libro de la Azafea*, *Libro de las Cruzes*<sup>4</sup>. A maior parte das traduções dizem respeito à astronomia e à astrologia, como é o caso da obra sobre a qual fazemos incidir nossa atenção

## O *Libro de las Cruzes*

O *Libro de las Cruzes*<sup>5</sup> é um trabalho de astrologia traduzido a partir de uma obra datada do século XI, do árabe para o castelhano, na corte de Alfonso X. Trata-se de um conjunto de prognósticos concernentes a um rei e a seu reino, a partir das disposições dos astros no céu. Nele trabalharam Hyuda Fy de Mosse al-Cohen Mosca, médico a serviço do rei, que o traduziu, e Johan d'Aspa que o transcreveu e o organizou em capítulos com títulos. Este trabalho foi terminado em 1259, ou seja, sete anos após o início do reinado de Alfonso X.

<sup>2</sup> BEAUJOUAN, Guy. A ciência no Ocidente medieval cristão. In: TATON, René. (org.). *História geral das ciências. A ciência antiga e medieval: A Idade Média*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. t. I, v. 3, p. 102-164; ARNALDEZ, Roger; MASSIGNON, Louis. A ciência árabe. In: TATON, René. (org.). *História geral das ciências. A ciência antiga e medieval: A Idade Média*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. t. I, v. 3, p. 21-64.

<sup>3</sup> Conf. BLEYE, PA.. Op. cit.; Díez, Mariano Brasa. Alfonso X el Sabio y los traductores españoles.

<sup>4</sup> *Cuadernos hispano-americanos*, Madri: Instituto de Cooperación Iberoamericana, n. 410, p. 21-33, 1984. O'CALLAGHAN, J.F. Op. cit.; BLEYE, P.A. Op. cit.; AVILÉS, A.G. Alfonso X y la tradición de la magia astral. In: MARTINEZ, Jesús Montoya; RODRIGUEZ, Ana Domínguez (coord.). *El Scriptorium Alfonsi: de los libros de astrología a las 'Cantigas de Santa Maria'*. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p. 83-103; VERNET, J. Alfonso X y la astronomía árabe. In: JORNADAS DE ESTUDIOS ALFONSIÉS, 1985, Granada. *Estudios Alfonsiés: lexicografía, lírica, estética y política de Alfonso el Sábio*. Granada: Faculdade de Filosofia y Letras/Instituto de Ciencias de la Educación, 1985. p. 17-31.

<sup>5</sup> ALFONSO X. *Libro de las Cruzes*. Ed. de Lloyd A. Kasten; Lawrence B. Kiddle. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Miguel de Cervantes, 1961. 173 p.

O texto em árabe sobre o qual se debruçaram al-Cohen e Juan d'Aspa foi atribuído a um sábio chamado Oveydalla, que teria reelaborado um texto anterior, como consta do Prólogo da obra traduzida para o castelhano no século XIII: "*Onde este nosso senhor sobredito (...) fallo el Libro de las Cruces que fizieron los sabios antigos, que esplan Oueydalla el sabio (...)*"<sup>6</sup>.

A identidade de Oveydalla é até hoje um tema de discussão<sup>7</sup>, mas a hipótese mais consistente, baseada em achados documentais, é a que propõe que tal sábio seria um renomado astrônomo e astrólogo do século XI, Abu Marwan 'Ubayd Allah Ibn Jalaf al-Istyyi'. E ainda, a descoberta de um fragmento do *Libro de las Cruces* datado do século VIII ou IX, estabelece que o texto que aquele sábio teria reelaborado teria sido composto por 'Abd al-Wahid b. Ishaq al-Dabbi, renomado astrólogo que viveu na Espanha muçulmana em fins do século VIII e início do século IX.

O fato de ter sido encontrado um fragmento de uma provável versão do *Libro de las Cruces*, datado do fim do século VIII – com o que a obra passa a ser considerada, o texto astrológico mais antigo de al-Andalus –, leva-nos a perguntar acerca de que astrologia se praticava e que conhecimentos astronômicos se possuía na época de sua elaboração. E, em última análise, leva-nos a perguntar em que consiste e qual a origem do sistema de cruces.

É sabido que no século VIII e no início do IX, nenhum dos grandes textos astrológico-astronômicos árabes do Oriente, tributários da grande tradição helenística e hindu que lá ensejara o desenvolvimento de grandes teorias e descobertas nesta área, chegara ao Ocidente<sup>8</sup>. Ou seja, o sistema de cruces ou é uma herança latino-visigótica, uma prática já presente na Península, quando os muçulmanos aqui chegaram, ou trata-se de uma prática trazida por eles. A este respeito, é o próprio Oveydalla quem sinaliza a resposta:

Esto es lo que falle en los libros antiguos del Libro de las Cruces en los iudicios de las estrellas, et transladei et esplan por que ui que es mucho prouechable en las costellaciones de las reuoluciones et de las coniunciones de las planetas, et en los compeçamentos de los regnos et de los sennorios (...).

(...) et estos son los iudicios generales et antigos, et son los iudizios que usauan los de las partidas de occidente del tempo antigo, et los de tierra de Affrica, et los de Barbaria et una partida de los romanos dEspanna; todos estos solian iudgar por estas costellaciones generales.

<sup>6</sup> L.C., cap. I, p.1: "*Onde este nosso senhor sobredito [Alfonso X] (...) achou o Libro de las Cruces que fizieram os sábios antigos, [e] que explicou Oveydalla o Sábio (...)*".

<sup>7</sup> Conf. SAMSÓ, J. *Alfonso X y los orígenes de la astrología hispánica*. Discurso de recepción leído en la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona: Barcelona: Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 1981. p. 11-40; CASTELLS, Margarita. Un nuevo dato sobre el 'Libro de las Cruces' en al-Ziy Mustalah. *Al-Qantara*, Madrid, v. 13, fasc. 2, p. 367-376, 1992.

<sup>8</sup> Conf. SAMSÓ, J. *Alfonso X y los orígenes...* Op. cit.; SAMSÓ, J. En torno a los métodos de cálculo utilizados por los astrólogos andalusies a fines del s. VIII y principios del IX: Algunas Hipótesis de Trabajo. In: JORNADA DE CULTURA ÁRABE E ISLÁMICA, 2, 1980, Madrid. *Actas de la IIª Jornada de cultura árabe e islámica*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1985. p. 509-522; SAMSÓ, J. *Las ciencias de los antiguos en al-Andalus*. Madrid: Editorial MAFRE, 1992, 501p.; ARNALDEZ, R. A ciência árabe. In: TATON, R. *A Idade Média...* t. 1, v. 3. Op. cit.

Mas los persios et los griegos auian muchas sotilezas en esta scientia, et en departir las razones della, et en sosacar las sus significaciones, et de que guysa llegan et parecen sus fechos et sus accidentes en los cuerpos del mundo de generation et corruption, (...), et quanto durauan, et los tempos en que finaau; et sosacauan los tempos de las malas ocasiones, et los tempos de las fortunas et de los buenos accidentes. Et esto todo departyan lo por grandes sotilezas et de muchas carreras desta scientia de cuemo dan las planetas las fuerzas unas a otras, et de cuemo las reciben unas de otras, et como reciben unas a otras, et de las otras cosas et de las otras carreras que se tyenen con estas (...).<sup>9</sup>

Pela citação, podemos deprender que o sistema de cruzes era um método utilizado por povos ocidentais, que habitavam o norte da África e o sul da Espanha. Era um sistema diferente daquele empregado pelos gregos e orientais. A astrologia das cruzes, segundo Oveydalla, é um sistema de juízos gerais, ou antes, genérico, impreciso, pois não calcula com precisão os deslocamentos dos astros do céu, nem leva em consideração o comportamento irregular dos planetas. O sábio muçulmano critica o sistema de cruzes porque este não considera o movimento das estrelas fixas que, se não se deslocam individualmente, estão presas a uma esfera que, toda ela, se move continuamente, impulsionando o movimento de todos os outros astros no céu. O sistema de cruzes fixa o zodíaco em suas casas correspondentes (Áries na casa 1, Touro na casa 2...), enquanto a prática posterior, a dos árabes, informada pela ciência greco-oriental, faz suas predições, observando que também as constelações se deslocam no céu e no mapa representado sobre o papel.

Oveydalla é um sábio do século-XI – e esse foi o período de ouro da ciência em al-Andalus<sup>10</sup>. O século VIII não dispunha de instrumentos de medição precisos para avaliar a posição dos astros. O século XI, em contrapartida, conhece, por exemplo, o astrolábio, os quadrantes solares, a arilha, a esfera armilar, o equatário – instrumentos de observação que auxiliam na determinação das trajetórias e posições dos astros. Os matemáticos da época, já haviam passado pela 'revolução trigonométrica' que simplificou cálculos extensíssimos envolvendo planos, curvas, ângulos; já haviam descortinado o universo da geometria, das seções cônicas, bem como o da teoria dos números. Aplicadas aos cálculos da astronomia-astrologia, tais aquisições foram alavancas preciosíssimas para o tratamento dessas disciplinas. Por fim, se Oveydalla é, de fato, Ubbayd Allah b. Jalaf al-Istyyi, então o astrô-

<sup>9</sup> L.C., cap. I, p. 5: "*Isto foi o que achei no Libro de las Cruzes quanto aos juízos das estrelas. Traduzi-os e expliquei-os porque vi que são muito úteis no que concerne às constelações, às revoluções e conjunções dos planetas [e sua influência] nos começos dos reinos e dos senhorios (...).*

*(...) e estes são os juízos gerais e antigos e são os juízos que usavam os [que habitavam] partes do ocidente no tempo antigo, e os da terra da África, e os da Berberie e uma parte dos romanos da Espanha, todos estes sabiam julgar por estas constelações gerais.*

*Mas os persas e os gregos tinham muitas sutilezas nesta ciência, e em deprender os juízos dela, e adivinhar suas significações, e a forma com que chegam e aparecem os fatos e os acidentes nos corpos do mundo de geração e de corrupção (...) quanto duravam e em que momento terminavam; e adivinhavam os tempos dos maus acontecimentos, e os tempos das fortunas e dos bons accidentes. E tudo isso depreendiam por grandes sutilezas e muita experiência nesta ciência [no compreender] como transmitem os planetas força de uns aos outros, de como a recebem (...) e de outras coisas e experiência que se tem com elas (...)."*

<sup>10</sup> Conf. SAMSÓ, J. *Las ciencias de los antiguos...* Op. cit.; SAMSÓ, J. *En torno a los métodos...* Op. cit.

logo que acha e reescreve o *Libro de las Cruzes* não é outro, senão um dos grandes astrónomos que compõem a equipe de Azarquiel – a qual, sob sua coordenação, elabora as Tábuas de Toledo e formula os modelos da teoria da trepidação que tornaram célebre a este último.

Por outro lado, o *Libro de las Cruzes* de al-Dabbi, escrito no século VIII, diz respeito a uma prática que não faz uso de tal arsenal teórico, metodológico e instrumental mesmo. Talvez devêssemos, aqui, seguir a pista deixada pelo estudioso Juan Vernet<sup>11</sup> que observa que a astrologia não foi sempre idêntica à que conhecemos hoje, ou àquela, matematizada, do século XI. O sistema gentilício<sup>12</sup>, que considera e necessita de cálculos precisos é um dos sistemas possíveis, havendo outros métodos de prognósticos que prescindiriam de tais informações. Tal investigação poderia resultar numa nova e rica abordagem acerca dessa área de estudos – o que demandaria, no entanto, um grande conhecimento não só de astrologia, mas da sua história.

Mas, então, se Oveydalla entendia ser o sistema empregado por al-Dabbi menos sutil que o greco-oriental, porque interessou-se em transcrever e explicar a obra, como afirma ter feito? Entendemos que suas reticências com respeito às técnicas dos antigos ocidentais digam respeito à possibilidade de afirmar que, num determinado dia do mês tal, do ano tal, Saturno efetivamente ocupe a quarta casa e que esteja em oposição a Júpiter e em conjunção com Marte. Mas Oveydalla não questiona o fato de que, sempre, e toda a vez que Saturno estiver nessa posição e em tal linha de relação com os outros planetas, os prognósticos apresentados naquela obra se realizem. A questão reside tão somente em determinar a posição correta dos astros, para o que os prognósticos, as interpretações feitas no sistema de cruces, serão sempre corretas. Acreditamós, pela mesma razão, que não seja outro o objetivo e a razão pela qual Alfonso X manda traduzir o *Libro de las Cruzes*. E, talvez essa idéia possa ser corroborada pela seguinte passagem:

Dixo el tradlador este dicho: Camiase segunt la diuersidad de las tablas et por las diuersidades de los mouementos, et segund desta diuersidad camian se los accidentes et las cosas que acaeyen por estas coniuñiones et por estos catamentos, et adelantanse o tardanse, camiandose los tyempos que son determinados en este libro. (...)

Pves quando tu endreçares las planetas por las tablas drechas et certeras, et guardares todos estos mouementos sobredichos, et acertares en alguna costellation de las figuras sobredichas, judga por ella aquel juicio que es dicho en ella, et acertaras con Dyos.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> VERNET, J. Tradición e Innovación en la ciencia medieval. In: ORIENTE E OCCIDENTE NEL MEDIOEVO: CONVENGO INTERNAZIONALE: FILOSOFIA E SCIENZE. Firenze. *Atti dei convegni*. Roma: Fondazione Alesandro Volta, 1971. p 741-757.

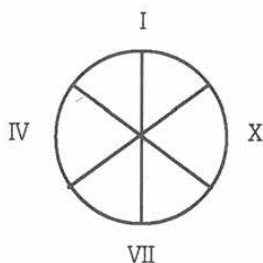
<sup>12</sup> Tal sistema considera o local e a hora precisa do nascimento, aceitando margens mínimas de variações de cálculo.

<sup>13</sup> L.C., cap. XI, p. 68: "*Disse o tradutor o seguinte: Mudam segundo a diversidade das tábuas e por causa da diversidade dos movimentos, e por causa dessa diversidade mudam os acidentes das coisas que acontecem por causa dessas conjunções e por essas observações, e adiantam-se ou retardam-se, mudando os tempos que são determinados neste livro. (...) Pois, quando tu localizares os planetas pelas tábuas direitas e certas, e guardares todos estes movimentos sobreditos, e acertares alguma constelação das figuras sobreditas, julga por ela aquele juízo que é dito acerca dela, e acertará com Deus.*"

Ou seja, a localização dos planetas e as figuras que elas formam, às quais o autor chama de constelações, mudam de acordo com as tábuas e por causa da diversidade dos movimentos considerados. Os acontecimentos ou adiantam-se ou se retardam no tempo, segundo são indicados no *Libro de las Cruces*. Mas, diz-nos o tradutor de Alfonso, quando com tábuas certas conseguires encontrar a localização correta dos planetas e observar os movimentos aqui indicados, então, julga de acordo com os juízos aqui apresentados e acertarás com Deus.

Acreditamos também, que a razão pela qual o conjunto de prognósticos oferecidos pelo documento foram tão apreciados reside na concepção de mundo no qual ele se fundamenta. A diferença gráfica que caracteriza o sistema de cruces com respeito ao muçulmano e ocidental que conhecemos hoje, está, entre outras coisas, na distribuição das casas – que estão longe de serem atribuições fortuitas. Antes, estão cunhadas por uma ampla rede de significados, que interferem e definem a projeção dos acontecimentos do mundo sublunar.

Nesse sistema, há três retas que se cruzam, formando seis raios e seis ângulos de 60°. Raios e ângulos são considerados "casas", ou seja, setores relacionados à vida dos homens, e perfazem o número de 12.



As doze casas do sistema são divididas entre os quatro elementos: fogo, ar, água e terra. Os raios ou estacas, incorporam as qualidades ativas e concernem às três casas do elemento fogo e às três casas do elemento ar. Os ângulos incorporam as qualidades passivas, correspondendo às triplicidades (três casas) de terra e de água. Ou seja, há três ângulos que correspondem ao elemento terra e outros três, ao elemento água. Ângulos têm natureza feminina; raios, ou estacas, têm natureza masculina.

O elemento fogo se manifestaria diferentemente em cada um dos raios, como signos de Áries, Leão ou Sagitário. A terra, nos ângulos, como signos de Touro, Virgem ou Capricórnio. O ar, nos raios, como signos de Gêmeos, Libra ou Aquário. A água, nos ângulos, como signos de Câncer, Escorpião ou Peixes.

As casas, por sua vez, representando os diversos aspectos da vida dos homens, estão assim distribuídas: a casa da vida, a dos haveres, a dos irmãos, a dos pais, a dos filhos, a das enfermidades, a do casamento, a da morte, a da profissão, a do rei, a dos amigos, a dos inimigos. Os prognósticos são feitos de acordo com a



passagem dos planetas conhecidos (Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua) por esses signos, num movimento circular em torno da Terra. O signo ascendente é sempre o raio superior, a estaca I, correspondendo ao signo de Áries. É a partir dela que se dispõem os signos e os planetas.

Considera-se o efeito de uma "constelação", ou seja, da figura formada pela presença de tais e tais planetas numa determinada posição inicial desenhada sobre uma cruz onde estão representadas as 12 casas. Cada combinação possível desses planetas sobre as casas consideradas, ganha uma nova figura, ou seja, uma nova cruz, ganhando um novo significado ou confirmando o anterior. Citemos como exemplo o capítulo cinco<sup>14</sup>, que fala das cruzes que significam seca, fome, granizo, carestia e praga de gafanhotos.

A disposição inicial dessa cruz, ou "constelação", como denomina o autor, tem Saturno na casa dois ou na casa oito, e Júpiter em quadratura com ele na casa cinco, ou na casa onze. Quando tal for a situação, ocorrerão todos os juízos preditos acima. As posições podem ser combinadas, formando, neste caso, até oito cruzes ou "constelações" diferentes: Saturno na casa dois e Júpiter na casa cinco, Saturno na casa dois e Júpiter na casa onze, Saturno na casa oito e Júpiter na casa cinco, e assim por diante. Este é um exemplo simples. Outros capítulos corresponderiam aos estágios posteriores de apropriações e bastante mais complexos. Os capítulos em que já não há coincidência entre casas e signos, evidenciarium um tratamento mais sofisticado, pois se considera, a partir de então, o deslocamento da abóbada com as constelações, ou seja, à oitava esfera, e planetas que, abaixo dela, também circulam em suas próprias órbitas, ao longo das casas. Ou seja, as figuras se multiplicam, pois combinam-se a partir daí, planetas, casas e signos.

Além disso, os planetas guardam relações específicas entre si, formando figuras que, hoje, são chamadas pelos astrólogos de aspectos. São mencionados no texto os seguintes: conjunção, oposição, quadratura, trígono, sextil e 'queimazón' – esse último desconhecido hoje em dia. Também são investidos de sentido os movimentos retrógrados e figuras como a Cabeça e a Cauda do Dragão.

Ao contrário do sistema a que estamos afeitos, no sistema de cruzes a casa I, que é a da vida, fica no Norte e é a partir daí que se forma a linha que divide o círculo – e, neste caso, entre direita e esquerda. Mas, mais do que a representação lateral, a ênfase do sistema recai, efetivamente, na linha vertical que corta o círculo de cima a baixo. É o eixo da vida que fundamenta toda a representação – que é ereto por excelência, princípio de ação.

Nesta cartografia celeste, antes de considerar as casas enquanto tais, é preciso notar a divisão angular do espaço aí presente: o céu está dividido em quatro ângulos, como se fossem pontos cardeais. Os ângulos do céu são a casa I, IV, VII e X.

<sup>14</sup> Ver figura em anexo, onde reproduzimos graficamente o capítulo em questão.

Se a casa I é a casa da vida, início fundamentador, a casa VII é a casa não apenas complementar, mas constitutiva do mesmo eixo e animada pelo mesmo impulso. A vida só se expressa plenamente na comunhão com outro(s). Numa sociedade, como a cristã e a muçumana, onde a identidade só se define em meio à coletividade, a vida é indissociável do contexto relacional que a sustenta e lhe dá sentido.

A casa X é a casa do rei ou do reino, nomeadas assim indistintamente ao longo do texto. Os movimentos dos planetas são previstos para o rei, mas quem sofre a ação é, muitas vezes, o conjunto do reino, assim como o contrário também é verdadeiro. Seu oposto complementar, é a casa IV, que é a casa dos pais e é considerada como o ângulo da terra. A terra que aqui se menciona não é o elemento terra ou o planeta Terra. Se, no que concerne à casa X se fala do reino e de tudo o que ocorre com o rei, suas gentes e seus inimigos, a casa IV, por outro lado, fala da terra ancestral, do enraizamento primeiro dos seres, da terra onde estão plantados os seus pés.

Assim, pois, são estas quatro casas que organizam o sistema de cruces, porque dizem respeito aos aspectos onde se sustenta a vida mesma: a casa I, que é a da vida; a casa IV, que é a do enraizamento na terra; a casa VII que é a das associações com o(s) outro(s); a casa X, que é a casa do reino onde tudo se encerra. Esse é o enquadramento do mundo e de todos os acontecimentos que nele ocorrem. Nesse sistema, posições e polaridades definem a qualidade e o destino dos seres. As casas têm características próprias que as tornam benéficas ou malélicas, podendo ser matizadas ou transformadas pela combinação dos astros em relação a elas. Algumas são chamadas de tenebrosas: a II, a VI, a VIII e a XII, ou seja, a dos bens, a das doenças, a da morte e a dos inimigos, todas femininas e posicionadas de maneira oposta e/ou complementar. Opondo-se ou complementando-se, suas características reforçam-se. As casas III, V, IX e XI que são, respectivamente, a dos irmãos, a dos filhos, a da carreira e a dos amigos, com indiscutível sentido positivo, são eretas, masculinas. E, da mesma forma que as primeiras, opõem-se e complementam-se reciprocamente, reforçando-se. Como num jogo de xadrez, o céu, como a vida na terra, é uma alternância complementar e oposta entre o bem e o mal, casas brancas e casas negras, casas benéficas e casas tenebrosas.

A essa fundamentação valorativa, os prognósticos ainda associam uma teoria de Abumaxar, sábio muçulmano do século XI, segundo a qual os povos são relacionados com elementos. Os signos ígneos corresponderiam aos árabes, os de água aos romanos, os de ar aos bérberes, os de terra aos indianos.

Lembramos que os signos de fogo e os de ar são masculinos; os de terra e de água são femininos. Na maior parte do *Libro de las Cruces*, as casas são claramente identificadas com os signos e seus elementos – os masculinos, francamente qualificados positivamente, e os femininos, negativamente.

Os árabes são dos signos de fogo – que são signos masculinos – e correspondem às casas I, V e IX, ou seja, a casa da vida, a dos filhos e a da carreira, casas



benfazejas. Os indianos são dos signos de terra – que são femininos- e correspondem às casas II, VI e X, ou seja, a casa dos bens, a das doenças e uma casa angular, a do rei; portanto, duas casas tenebrosas lhes correspondem. Os bérberes são dos signos de ar – que são masculinos – e correspondem às casas III, VII e XI, ou seja, a dos irmãos, a das associações e a dos amigos, duas casas auspiciosas e uma angular. Por fim, os romanos são dos signos de água – que são femininos – e correspondem às casas IV, VIII e XII, a dos pais, a da morte e a dos inimigos; isto é, uma casa angular e duas extremamente malélicas.

Seria por acaso que a melhor disposição é a que concerne aos árabes e, a pior, a que corresponde aos romanos (identificados aqui aos cristãos do Ocidente)?

Ou seja, Oveydalla, tendo reelaborado e completado o *Libro de las Cruzes* em atenção a um governante muçulmano, faz uso de todo um sistema de identificações positivo/negativo, bom/mau, forte/fraco, esquerda/direita, oriente/ocidente, árabes/cristãos, para tecer prognósticos concernentes à vida de todo um reino, suas guerras, chuvas, epidemias e boa andança. Os prognósticos que dizem respeito a cristãos e indianos já partem de uma disposição francamente negativa. Mas, quando, no século XIII, al-Cohen, a serviço de Alfonso X, traduz e insere suas próprias considerações, ele faz intervir outros elementos interpretativos que contrabalançam o destino cruel das gentes cristãs. Assim, na interpretação alfonsina, o sábio atribui os planetas considerados malfazejos, ou seja, Saturno e Marte, aos bérberes e aos árabes, enquanto Júpiter, Vênus e Sol, considerados benfazejos, aos espanhóis cristãos, aos franceses, aos italianos e alemães.

Et otrossy partyeron los sábios las planetas por las yentes, et quiero poner aqui esta particion. Et digo que Jupiter es apoderado en los christianos espannoles, Mars es apoderado en los alaraves. Saturno es apoderado en los berberys. Venus es apoderado en franceses. El Sol es apoderado en los romanos et en los alamanes.<sup>15</sup>

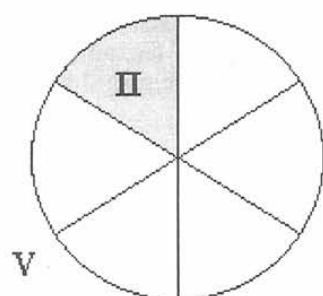
Deste modo, toda a formulação anterior, que parte das disposições espaciais para tecer prognósticos passa a ser lida a partir de novas referências, mais afeitas à perspectiva do rei cristão.

Ou seja, mais do que um sistema diferente e curioso, o sistema de cruzes constituiu-se num método de leitura do céu, ancorado num sólido conjunto de referências culturais que balizam os ajuizamentos. E é preciso tê-las em mente, enquanto magma orientador nas atribuições de sentido, para que, ao lermos a obra, não nos passe despercebido o intenso embate cultural que nela se inscreve. Se Oriente e Ocidente, direita e esquerda, feminino e masculino são qualidades que têm valores análogos para cristãos e muçulmanos, por outro, é porque se inscrevem num conjunto de representações diferentes que ambas as culturas se colocam em situações valorativas opostas – fato este que se evidencia na diferente apropriação do sistema de prognósticos do *Libro de las Cruzes*, como procuramos demonstrar brevemente.

<sup>15</sup> L.C., cap. LIX, p 162: “*E outrossim, repartiram os sábios os planetas pelas gentes, e quero colocar aqui esta repartição. E digo que Júpiter é mais poderoso entre os cristãos espanhóis; Marte o é entre os árabes. Saturno é mais poderoso entre os bérberes. Vênus é mais poderoso entre os franceses. O Sol, entre os romanos e entre os alemães*”.

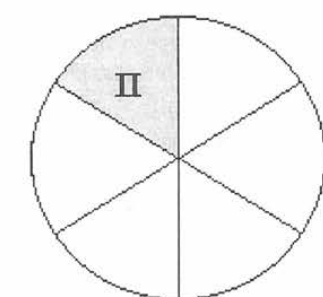
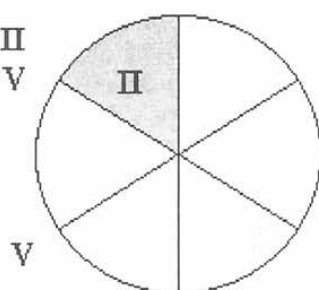
ANEXO

Representação gráfica do capítulo V do *Libro de las Cruzes*, p. 11-12.



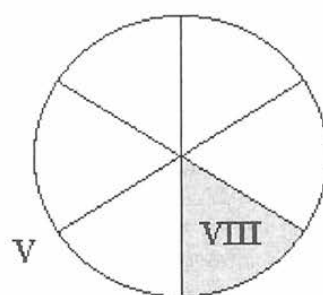
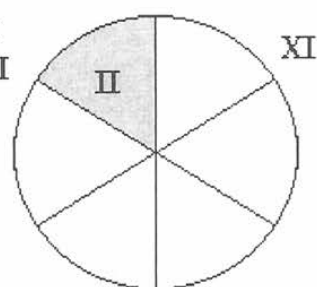
S : II  
J : V

J : II  
S : V



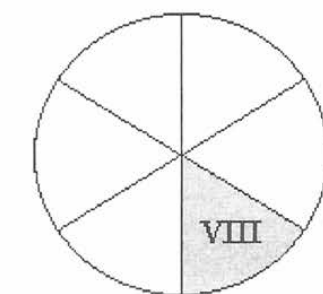
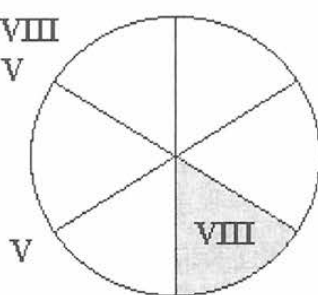
S : II  
J : XI

J : II  
S : XI



S : VIII  
J : V

J : VIII  
S : V



S : VIII  
J : XI

J : VIII  
S : XI

